

A tele-grafia de Avital Ronell: o poder de resposta. /**The telegraphic speech of Avital Ronell: the power of response.**

André Luís de Araújo*

RESUMO

Avital Ronell investiga a cena cultural contemporânea cruzando elementos éticos, estéticos, performáticos e literários. O mapeamento que faz do plano dos saberes na atualidade, a partir dos Ensaio para o fim do milênio, reunidos em *Finitude's Score* (1994) e em *The Telephone Book* (1989), propõe uma reflexão a partir das matrizes do pensamento da diferença, mas não se contenta com a desconstrução operada. Atende, pois, com urgência, a um chamado involuntário que dilacera, uma vez que é necessário prestar contas daquilo que se impõe. O telefone torna-se, então, para ela, uma figura metonímica da tecnologia atual, das novas mídias e dos processos de subjetivação, dado que provoca a criação de realidades e imprevisibilidades. Franqueamos o terreno do ruído, da falha, da lacuna, com a introdução da tecnologia, materialidades desejáveis tão caras à literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Avital Ronell; Telefone; Chamado; Resposta

ABSTRACT

*Avital Ronell investigates the contemporary cultural scene crossing ethical, aesthetic, performative and literary elements. The mapping, which makes the plane of knowledge nowadays, from the Essays for the end of the millennium, gathered in *Finitude's Score* (1994) and *The Telephone Book* (1989), proposes a reflection from arrays of the difference of thought, but it doesn't settle with the operated deconstruction. Meets, therefore, urgently, an involuntary call to an operated deconstruction that tears, once it is necessary to account for what is needed. The phone becomes then, for her, a metonymic figure of current technology, new types of media and subjective processes a fact that causes the creation of realities and vagaries. We entered the noise ground, the failure, the gap with the introduction of technology, desirable materiality so expensive to literature.*

KEYWORDS: Avital Ronell, Telephone, Call, Answer

Introdução

Uma rota alternativa para a investigação estética, Avital Ronell, professora de alemão, inglês e literatura comparada, na Universidade de Nova

* Doutor em Letras Estudos Literários pela UFMG. Aluno especial da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; aluisaraujosj@gmail.com

York, desenvolve seu trabalho filosófico em diálogo com a crítica literária. Nascida em Praga, mas radicada nos Estados Unidos, suas aulas, conferências e manifestos têm um caráter performático em que a autora faz cruzar, em suas intervenções, o gestual, a conversa telefônica, a música, a rua, trazendo à tona personalidades e elementos culturais que hoje a distinguem no mero funcionalismo acadêmico.

O mapeamento que faz do plano dos saberes na atualidade, a partir dos *Ensaio para o fim do milênio*, reunidos em *Finitude's Score* (1994) e em *The Telephone Book* (1989), propõe uma reflexão a partir das matrizes do pensamento da diferença, mas não se contenta com a *desconstrução* operada. Movendo-se na contracorrente, na ressonância da voz, da ambiguidade, colhe interferências difíceis de catalogação.

Permite, assim, aumentar a compreensão teórica e discursiva de uma estética que potencializa a criação de realidades e imprevisibilidades próprias à poesia, através do ruído, da ranhura, da falha, da introdução da tecnologia como materialidade desejável no poema. Evidencia, desse modo, os abismos próprios da construção textual e põe em interlocução muitas vozes, numa fala rumorológica incessante, um universo infinito de palavras, uma linguagem ininterrupta. Provoca cada ponto de conexão entre os sujeitos a constantes atualizações, porque vislumbra ideias, imagens, realidades. Em sua inquietação, lança indagações sobre as teorias e a cultura em circulação e coloca em movimento uma unidade de corpo-conhecimento.

1 O chamado e o telefone

Converte, então, o telefone em figura metonímica da tecnologia atual e das novas mídias – “Você não sabe quem está chamando ou que está para ser chamado, e você empresta, ainda, sua orelha, desistindo de algo, recebendo uma ordem. É uma questão do poder de resposta” (RONELL, 1989, p. 2). Faz ver que o chamado, em erupção, como uma espécie de violência perpetrada

contra uma projeção de destinatário ou destino, encontra-se, pois, essencialmente fora de qualquer controle, chegando a ser emitido apenas para marcar o que está fora de mão (Cf. RONELL, 1989, p. 32). E instiga, visto que quem responde a uma chamada telefônica precisa prestar contas daquilo que o chamado vai impor. Um chamado involuntário, a convocação de uma voz. Onde está o outro? Quem quer falar? Falar o quê? Para quem?

O que exige uma presença, pede uma interlocução, busca um destinatário, vai dirigido a quem atender. Faz, portanto, a conexão de subjetividades, com todas as implicações que isso envolve, coloca em contato uma rede de vozes num plano de ação e resposta. Mais que isso: hoje, superando outras épocas, mistura meios de propagação, contaminação, no dizer da autora. Porque, estando abertos às novas tecnologias, estaremos, também, dispostos a redimensionar o contato exigido – uma vez que este já não vai se dar apenas no um a um, tampouco reduzido ao âmbito da escuta telefônica, ou sem a possibilidade de saber quem chama, hajam vista os identificadores de chamada e os avanços da telefonia móvel –, o que nos leva a pensar, ainda, nesse alcance, que pede a disposição do corpo todo, não meramente o ouvido, mas até mesmo as sensações, tornadas muitas vezes sinais gráficos, utilizadas no textual da Internet, nas salas de bate-papo, considerando, também, as imagens difundidas pelas *web cam* e o universo das redes sociais.

Como se vê, a ativista da voz compreende esse contato e o amplia, sob os signos da dissensão, orquestrando, a partir das contribuições da música e da filosofia, o papel do telefone, protótipo para a comunicação. Tematiza, dessa maneira, a voz, a conversa, o som, a digitação, o texto; promove o encontro das linguagens em outros meios de difusão. Compartilha a errância, torna-se porta-voz de uma discursividade que não entra apenas pelo labirinto do pavilhão auricular, mas encontra seu lugar onde parecia haver uma singular separação. Implementa a lógica da simultaneidade.

Nessa ligação, Ronell faz vibrar acordes de várias áreas do conhecimento, levanta campos de discussão filosófica que pedem a conexão e

a atenção do leitor-espectador-ouvinte, para que possa extrair dos silêncios *tele-gráficos* a condição de possibilidade que excede o som, porque conta com as interrupções, os ruídos, os arranhões, os ecos e as lacunas. Mostra outros usos do telefone. A leitura a partir do silenciamento, das fendas, traz para a discussão um lugar proveitoso para a virtualidade, a vivacidade da sombra, até o surgimento de uma porção considerada antes invisível, borgeamente fecunda, desconhecida da maioria, a urdidura do poema, os bastidores da escrita.

“O telefone vem até você e lhe acaricia, ou pode ser usado como uma arma, uma arma sem indícios, uma arma apontada para a sua cabeça”. (RONELL, 1994, p. 34). Faz-se, dessa maneira, a comunicação do rumor da rua e da sinfonia da orquestra. Cria-se um espaço de significantes fragmentados, produzindo uma interseção em que as linhas públicas se cruzam com as mais privadas, num todo harmônico. E Ronell, via telefone, conecta livro, poética e filosofia. Realiza um trajeto dotado de extensão, um trabalho ensaístico que envolve a captura dos processos de escrita e pensamento, intervenção cultural, como veremos a seguir.

1.1 Intervenção e construção estética

O que fazer, pois, com o que existe? Como intervir? Como conseguir que, novamente, haja uma primeira vez na já gasta discussão filosófica e culturalista? Alan Pauls comenta que Borges, por exemplo, não reduz seu pensamento e intervenção a uma apologia da reescrita, como poderíamos ser levados a crer, e o conceito de livro e, conseqüentemente, de obra de arte, por sua vez, começa a se colocar verdadeiramente borgeano. Avital Ronell também, por seu lado, não recai no imobilismo essencialista da reprodução epistemológica. Ao contrário, parte para o estudo e a experimentação com a linguagem, lança mão da ontologia e da interpretação como forma de compreender esse estado de ser visceral sujeito-objeto que coloca em

evidência a desaceleração da diferença. A fonte diferencial não se expande porque não dá conta do reconhecimento do que continua pendente, relegado à sombra, adiado em seu reconhecimento como outro, mantido à distância, mas disposto a se enunciar a qualquer chamado, translúcido, vivo.

Nessa esteira, muitos fraudam e não demonstram ter nenhuma obrigação com a Verdade. Elevam seu parasitismo até as últimas consequências, intensificam a escuta e a resposta, não agrupam nem sistematizam a diferença. Inventam livros, autores, personagens, situações que nunca existiram e se ocupam disso, criticam e expõem seus pontos de vista, propõem a vertigem, fazem delirar as categorias nas quais descansava o sentido comum, em rumor contínuo, descentrado; contágio e proliferação e, paradoxalmente, salvação.

Operam sobre o texto e sobre o contexto, sobre as condições nas quais se apresenta um texto ao leitor, no momento de sua edição, ou reedição, adulterando conforme lhes apraz. Nesse sentido, no que se refere à pergunta feita acerca da intervenção, a resposta é móvel, inquietante, segundo o autor argentino, Jorge Luis Borges, já que a identidade de algo escrito não se define por uma série de atributos, mas pela relação que mantém com os contextos nos quais aparece ou com a época de seu surgimento e/ ou edição.

Portanto, permite uma série de indagações sobre o fazer poético e a concepção de poesia na atualidade; bem como merecem um olhar atento os escritos destinados à publicação e seus rascunhos, primeiras versões, laboratório da construção estética, posto que deixam entrever o escritor como alguém que trabalha com frases, com palavras, com a discursividade, com a elocução do eu. O especialista de uma arte conceitual, que parece fria, incolor, cada dia mais rara, que dificilmente deixa marcas e que, não obstante, é capaz da extraordinária revelação da manipulação de conceitos e contextos (Cf. PAULS, 2004, p. 119).

É como se escrever fosse isso – continuaria Alan Pauls (2004) – mudar coisas de lugar, recortar e colar, extrapolar e fazer enxertos, deslocar e repor,

expatriar e arraigar, separar e inserir. Definir um personagem ou urdir uma trama é, então, criar uma ambiência, produzir um contexto ativo e criativo capaz de promover uma intervenção. Para Borges, o ponto de inflexão produtivo de sua obra foi, sem dúvida, *Pierre Menard, autor del Quijote*, um personagem criado, um escritor menor, francês, reverenciado por baronesas decadentes, que enriquece a cultura através do processo de leitura e intervenção em uma das maiores obras do cânone literário espanhol, a partir da apropriação de três capítulos da obra de Cervantes, escrita em pleno século XVII. No entanto, tal façanha se dá em princípios do século XX.

A diferença de contextos se encarrega de todas as implicações transcorridas ao longo desses mais de trezentos anos de publicação entre uma obra e outra, carregados de complexos processos, acontecimentos e transformações pelos quais passou a humanidade e a vida cultural como um todo. É o que enche de sentidos e usos inesperados a literatura, enriquecida a partir da leitura, a despeito dos anacronismos deliberados e das atribuições falsas. É assim que vemos surgir personagens transformados em conceitos limpos e eficazes, independentes da obra, livres o suficiente para entrar e sair, para transitar em todos os espaços e tempos.

Dessa forma, vemos como tudo se converte em palavra desejada, aberta à rumorologia, estudo e experimentação. E o eu pode não estar ali, no fone em resposta, no dizer de Avital Ronell, mas gravado na secretária, pronto para ser acionado e reproduzido. Voz sem corpo, corpo sem voz, errático, acionado e reproduzido em cada leitura. É, como destaca Ítalo Moriconi: “[...] a dissolução do eu romântico na mascarada errante do sujeito poético instaurada pelo modernismo, configurando uma alternativa à ‘desaparição elocutória do eu’ proposta e realizada por Mallarmé” (MORICONI, 1996, p. 99). A legitimação de um sujeito poético estilhaçado, vacilante, visualmente descentrado, no meio de palavras soltas, declarações telegráficas, relatos reticentes, cortes.

E o operador, leitor-espectador-ouvinte dessa escrita performática, parte em busca, com seus próprios esforços, da extensão dessa fala, mas se encontra, invariavelmente, com a ambiguidade irônica que explode entre as

lacunas deixadas pelo *contratante verbal*¹. Aí se propagam rumores, indecisão. À mercê do impossível, do real, o leitor afunda nessa arte, enreda-se entre fragmentos, deambulações, périplos. Completa o que falta, exercitando seu excesso. É um “processo inacabado, cujo alinhamento se dá, justamente, pela não-identificação com os lugares destinados às contradições da subjetividade e da realidade político-social” (VASCONCELOS, 2002, p. 203).

Interessante notar, nesse exercício, de um interlocutor a outro, ou de um autor a outro, como se embaralham biografias, línguas, culturas e formas de saber, multiplicando-se os focos de observação de um problema e a análise de épocas, tradições e até mesmo mitologias diversas. O intuito é colocar em evidência a radical instabilidade que afeta toda relação de propriedade com o saber e a cultura. Cultura de divulgação, resumida, traduzida, muitas vezes enciclopédica, espaço de perplexidade, de inquietude e de ameaça. Estamos todos em busca da relação que o signo estabelece com a estrutura verbal onde se encontra inserido, pronto para ser recuperado, em função de leituras, respostas, encadeamentos.

2 O chamado e a resposta

Entende-se, pois, este leitor-espectador-ouvinte – sem o desprezo de suas faculdades – como o “lugar borgeano que inclui figuras tão diversas como o outro, o interlocutor, o confidente, o destinatário do relato, o herdeiro, o duplo” (PAULS, 2004, p. 127). O grande agente contextual que abre o sentido a todas as forças que o produzem, afetam-no e o determinam. Em suma, a restituição ou a invenção de contextos; o espaço existente entre dois registros, duas percepções, duas formas de raciocínio, duas linguagens, como mínimo. O que chama e o que atende ao chamado do telefone.

¹ A expressão foi cunhada pelo próprio Borges, para designar a pessoa do escritor, segundo Alan Pauls (2004, p. 126).

Tanto que Avital Ronell não propõe simplesmente a diferença pela diferença. Ela inscreve suas obras no ponto de intervenção dessa fronteira movente, no espaço da rua, entre os signos e o poder, encaminhando-se para estratégias de intensificação dessa escuta-resposta ao chamado. A proliferação por contiguidade, que não agrupa nem sistematiza a diferença em derivados, mas potencializa uma alteridade radical, com percursos pela tecnologia adentro, aguça a receptividade e o anonimato, descentralizando e exaurindo o ato de pensar, de modo a se observar a impessoalidade do *street-talk*², a suplementação, o ruído, a sombra. Um *scratch*/montagem de espaços e temporalidades.

Nesse sentido, ler e caminhar são dois movimentos de um mesmo vício, um exercício e um programa. Traçam um percurso subjetivo. Caminhar é uma operação múltipla: é, ao mesmo tempo, uma maneira de ler sobre a marcha dos signos de uma cidade desconhecida, uma forma de ocupação física e um modo de reinscrever sobre o plano urbano, uma disposição para a deriva. É preciso, então, ler a partir das margens, das zonas limite, dos arrabaldes, das transições, em busca de encontrar o pensamento de alguém e tropeçar com ele, para, enquanto se caminha, ler ou escrever e, por que não, apropriar-se dele.

Há, portanto, o traço do urbano e da conversação, a tentativa de captar o ritmo da cidade, da rua e do diálogo. A fala cotidiana, sem ser a reprodução dialógica, mas a produção de algo melódico e harmônico, apesar de frenético. Um espaço multiterritorial, multirrítmico, multicêntrico, que aponta para várias direções, um arranjo de múltiplas texturas. Um processo de produção de realidades abertas ao que está fora, expandindo-se, errando, migrando em escapadas, fugas, tropeços, conexões atualizadas que não buscam apaziguar as heterogeneidades reunidas. Em resumo, a suplementação da linguagem, a partir de dentro, com um código próprio, uma língua intensiva, em virtude da afasia do sistema linguístico dominante.

² Ref. a um dos ensaios de Avital Ronell reunido em *Finitude's Score* (1994).

2.1 Uma performance tele-gráfica

De tal sorte que, catalogando múltiplas referências, Ronell, fascinada pelos ruídos da rua, realiza, a partir do telefone, o contato entre o dentro e o fora, a periferia e a “great house”, movendo-se, recepcionista de chamadas, “hostess”, anfitriã, estabelecendo relação, saturando de performance as fendas. Convoca as ausências, os interstícios sombrios, a se manifestarem, a mostrarem que respiram; expõe a epistemologia da rua, do rumor, da escória; transcende os guetos, sintetiza o disjuntivo, como se vê nos ensaios *Finitude's Score*, *Street-talk* e *The Worst Neighborhoods of the real*. Desse modo, sob a sombra da negatividade, o rumor atua para capacitar o território onde se encontra, friccionando o que separa a criação da destruição; numa palavra: ensinando a errância. O telefone significa aqui o contato com o Outro fendido, contato nunca quebrado, nem claramente rompido. Vozes que acenam caminhos do pensamento abertos na linguagem.

Voz e corpo que alteram suas condições em função do contato que se quer estabelecer, do que se quer dizer, dispondo de si, ignorando as margens, buscando o gestual, compondo os fios dos sentidos da performance. Mediação da voz na estrutura do *corpus*, reflexão do objeto artístico e de uma forma de ser que desloca a representação em função da simulação e da fabulação. Tudo se pronuncia em vista de outra temporalidade e de outro movimento, ganhando uma espacialidade, um dinamismo verbo-motor, *tele-gráfico*.

É como nos encontramos: numa linha de segmentaridade em contiguidade de territórios, unidos por essa telegrafia que nos colocou a todos em contato e, por isso, nossos segmentos se afinam, conjugam-se num fluxo maleável, numa escala intensiva, numa indeterminação objetiva. Afinal, como diriam Deleuze & Guattari (1996)³, é certo que duas linhas não param de interferir, de reagir uma sobre a outra, e de introduzir cada uma na outra uma

³ Comentário feito a partir da novela *In the Cage* (1898), de Henry James, nos *Mil Platôs*, v. 3.

corrente de maleabilidade ou mesmo um ponto de rigidez. Elas mostram como o diálogo ou a conversação obedecem aos cortes de uma segmentaridade fixa.

Há, portanto, vários movimentos, fissuras que não param de se manifestar, toda uma subconversação na conversação, evidenciando que uma perspectiva corpórea encontra seu equivalente numa inflexão da voz. Uma percepção cenestésica que exige um esforço considerável da subjetividade. Nessa civilização que tende a ignorar outros procedimentos de registro, “um laço funcional liga de fato à voz o gesto: como a voz, ele projeta o corpo no espaço da performance e visa a conquistá-lo, saturá-lo de seu movimento” (ZUMTHOR, 1993, p. 245). Essa performance é jogo, espelho, desdobramento do ato e dos atores, das subjetividades: do corpo do artista, filósofo, teórico, crítico, poeta ao corpo da obra de arte, filosofia, teoria, crítica, poesia. Ali está o lugar máximo da percepção da expressão. Vida que não esgota suas possibilidades, reverberando entre o corpo e a voz a articulação da cena cultural, sob novas formas de compreender o estético e de reconhecer suas múltiplas gradações. O sentido de um texto dando-se em presença e no jogo de um corpo humano.

Porque Avital Ronell é portadora de uma linhagem performática, uma escrita que, ao produzir estranhamento, vai dotando-nos de sensibilidade para aguçar nossa percepção de mundo e instaurar outros planos de possibilidade e de leitura. Vemos, então, a linguagem do ponto de vista da variedade de suas injunções, articulações, flexões, até sermos dotados da capacidade de enxergar, através das sombras, a materialidade repleta de significados. Com a autora e sua comunidade textual, arriscamos em vista de um projeto coletivo, a fim de: “Abrir de tudo quanto é jeito para novas vias – por vezes linhas de fuga minúsculas, e outras vezes possibilidades de trabalhar em escala maior” (GUATTARI, 1987, p. 67).

Conclusão

Assistimos, assim, à tentativa de quem insiste com o próprio corpo em construir algo de vivo, modificando sua relação com o mundo, sabotando as formas de alienação, atravessando as estratificações existentes, para “[...] fazer com que os corpos, todos os corpos, consigam livrar-se das representações e dos constrangimentos do ‘corpo social’, bem como das posturas, atitudes e comportamentos estereotipados” (GUATTARI, 1987, p. 43). Para alcançar o exercício da escrita, da voz, do contato, da interlocução, a emergência de outras práticas discursivas, de novos territórios existenciais coletivos, o elogio da sombra que enriquece de modo contínuo sua relação com o mundo.

Sua imagem fugidia, sempre em movimento, instiga a curiosidade, posto que queremos descobrir os bastidores desse *work in progress*, o trabalho árduo de quem, com intensidade, presença e verdade registra os *scratches*, os fragmentos e as fraturas expostas, o segredamento e a secreção da poesia que emanam dos corpos e vão se alojando em nós. A um só tempo: esconderijo, revelação, trajetória, descaminho, silenciamento e ruído – *street-talk*. Alguém que vai construindo seu próprio movimento e temporalidade/espacialidade.

Tudo bem cosido, a despeito das rupturas e oscilações, justaposições e montagens. Estamos muito próximos, mas sem consentimento para revelações confessionais. Relegados ao terreno da ironia, franqueamos a escuridão, entre a disjunção da experiência pessoal e a explosão do simulacro. Conservamos, nitidamente, como bem pontuou Avital Ronell, os esgarçados da rasura e do rascunho, enovelados em perturbações *tele-gráficas*, na tessitura urbana da performance. Como alguém que produz um personagem e logo se alivia com as ansiedades do silêncio, que hesita sobre o sexo e a idade que lhe dará, que teme por seu futuro.

No fim das contas, percebemos que o melhor é acolher, como forma de dar uma resposta responsável para a cena contemporânea, uma resposta da

subjetividade a uma demanda de questões existenciais individuais e coletivas: “a obrigação de responder, a responsabilidade que consiste em chamar tanto quanto em responder à chamada” (RONELL, 1989, p. 59). Apresenta-se, assim, quem parecia estar ausente e nos abrimos a uma prosa rumorológica.

E o modelo e a anuência nos vêm da própria Avital Ronell, quem vai transformando suas *aulas-conferência*, vividas antes apenas como anotações, sob a forma de ensaio. Primeiro, o rumor; em seguida, o discurso e o diálogo, interrupções, telefonemas; depois, a interlocução, a caminhada pela rua, em Manhattan, saindo da Universidade, rumando para Low East, em setembro de 2001, pouco antes do atentado terrorista à cidade. Agora, o comentário e a citação, o percurso de alguém que faz do trânsito cultural uma prática e escreve de volta, em outro momento, no seu país, após o desastre que inaugurou o milênio. Outra vez a singularidade de quem atua “no intervalo, na interrupção, dentro do andamento da voz e da caminhada de alguém que se mostra como pensador durante a passagem de si, de mim e de muitos outros diferentes, cada vez mais diferentes” (VASCONCELOS, 2002, p. 207).

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del Quijote. In: *Ficciones*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1945. p. 47-59.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MORICONI, Ítalo. *Ana Cristina Cesar: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

PAULS, Alan. *El factor Borges*. Barcelona: Anagrama, 2004.

RONELL, Avital. *The telephone book: Technology – Schizophrenia – Electric Speech*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1989.

RONELL, Avital. *Finitude's Score: Essays for the end of the millennium*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1994.

VASCONCELOS, Maurício Salles. Derivados da diferença: Estenofonia. In: SCARPELLI, M.; DUARTE, E. *Poéticas da Diversidade*. BH: UFMG/FALE/Pós-Lit, 2002. p. 199-208.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.